

## Juriti

Casimiro de Abreu

Na minha terra, no bulir do mato,  
A juriti suspira;  
E como o arrulo dos gentis amores,  
São os meus cantos de secretas dores  
No chorar da lira.

De tarde a pomba vem gemer sentida  
À beira do caminho;  
— Talvez perdida na floresta ingente —  
A triste geme nessa voz plangente  
Saudades do seu ninho.

Sou como a pomba e como as vozes dela  
É triste o meu cantar;  
— Flor dos trópicos — cá na Europa fria  
Eu definho, chorando noite e dia  
Saudades do meu lar.

A juriti suspira sobre as folhas secas  
Seu canto de saudade;  
Hino de angústia, fêrvido lamento,  
Um poema de amor e sentimento,  
Um grito d'orfandade!

Depois... o caçador chega cantando.  
À pomba faz o tiro...  
A bala acerta e ela cai de bruços,  
E a voz lhe morre nos gentis soluços,  
No final suspiro.

E como o caçador, a morte em breve  
Levar-me-á consigo;  
E descuidado, no sorrir da vida,  
Irei sozinho, a voz desfalecida,  
Dormir no meu jazigo.

E — morta — a pomba nunca mais suspira  
À beira do caminho;  
E como a juriti, — longe dos lares —  
Nunca mais chorarei nos meus cantares  
Saudades do meu ninho!

Lisboa — 1857